

CRÍTICA À CONCEPÇÃO LACANIANA DE METÁFORA

Franklin Goldgrub¹

Há uma outra forma de defesa que aquela que provoca uma tendência ou uma significação proibida. É a defesa que consiste em não se aproximar do lugar em que não há resposta à questão. Fica-se mais tranqüilo assim e, no fim das contas, é essa a característica das pessoas normais. Não nos coloquemos questões - ensinaram-nos, e é por isso que estamos aqui.²

A teorização da metáfora e o seu papel na interpretação psicanalítica *enquanto objeto da interpretação* - é o tema deste texto. O método adotado para proceder a essa interrogação é o de pensar, mediante um questionamento, a concepção lacaniana de metáfora. As razões dessa escolha são as seguintes: Há poucos motivos para duvidar que, mais do que qualquer outro autor, Lacan foi quem aferiu, proclamou e teorizou a metáfora enquanto fenômeno de importância fundamental para a psicanálise, produzindo, sob mais de um aspecto, conceituações sobre essa figura de linguagem³; por outro lado, é igualmente notório o seu papel em relação à (fecunda) aproximação entre psicanálise e lingüística. Digamos que tal aproximação constitui a condição *sinequanon* tanto para a reflexão psicanalítica sobre a metáfora como em relação a outras elaborações similares. Tais estudos e seus resultados refletem a importância fundamental da linguagem para o campo psicanalítico. Sem eles, a epistemologia, a teoria e a metodologia da disciplina fundada por Freud permaneceriam muito aquém das exigências mínimas que se impõem a uma ciência - ou a um campo de estudos que pretenda alcançar um conhecimento minimamente sólido de seu objeto. *A aceitação da pertinência dessas diretrizes⁴ - cujas dimensões epistemológicas, teóricas e metodológicas são portanto reivindicadas - não impede que se discorde da solução que Lacan deu à questão da metáfora, discordância que se estende à crítica lacaniana do procedimento interpretativo⁵. Vista a predominância de uma atitude do tipo “tudo ou nada” no que se refere ao posicionamento dos psicanalistas face à obra lacaniana⁶, não será inútil insistir em que o questionamento da respectiva concepção da metáfora não afeta a concordância com as diretrizes expressas na fórmula segundo a qual o inconsciente está estruturado como linguagem⁷, que nos parece de fato recuperar, como*

afirma o próprio Lacan, o cerne da inspiração freudiana. Tal fórmula, muito pelo contrário, constitui um dos pressupostos dessa reflexão. Por outro lado, o presente texto constitui evidentemente uma crítica à metodologia lacaniana, visto que a mesma está em grande medida fundada na concepção de metáfora (e de metonímia) do referido autor. *Em outras palavras, assumimos sem ressalvas a posição de que a prática clínica lacaniana não representa uma derivação conseqüente, coerente ou adequada da respectiva posição epistemológica.* A intenção principal dessa reflexão é a de abordar o aspecto teórico da relação entre metáfora, discurso e interpretação, mas as respectivas implicações, no que se refere à metodologia, não deixarão de ser indicadas.

A tarefa em questão impõe um exame prévio da teoria freudiana sobre os sonhos ou, mais precisamente, das conceituações de Freud sobre a elaboração onírica, bem como sua reinterpretação por parte de Lacan, o que, por sua vez, exige uma outra preliminar: situar o papel da interpretação do sonho na metodologia freudiana.

No transcorrer do texto, serão apresentados os argumentos relativos à importância da metáfora (*enquanto objeto*) para a teoria da interpretação psicanalítica, questão que entendemos não ter sido desenvolvida por Freud nem por seus sucessores, a não ser de maneira indireta e incipiente⁸.

Tal constatação constitui o ponto de partida dessa reflexão, cuja razão de ser é a suposição de que a questão metodológica em psicanálise se encontra em estado de irresolução e confusão notáveis. As contribuições lacanianas, se de um lado evidenciaram a necessidade de repensar esse aspecto fundamental, por outro exacerbaram mais ainda o caos vigente. Na verdade, a leitura de qualquer volume de qualquer corrente psicanalítica (freudiana, kleiniana, lacaniana, bioniana, winnicotiana) que trate diretamente da experiência clínica é suficiente para comprovar a indefinição metodológica mencionada. Uma breve digressão não será inútil para precisar o atual estado de coisas.

1 - Análise vs interpretação ou causa vs sentido

*Temos incluído duas coisas como 'sentido' de um sintoma: o seu 'de onde' e seu 'para quê' ou sua 'finalidade' - ou seja, as impressões e experiências das quais surgiu e as intenções a que serve (...) não é de grande importância se a amnésia influenciou também o 'de onde' - as experiências em que o sintoma se baseia - como acontece na histeria; é no 'para quê', no propósito do sintoma, que pode ter sido inconsciente desde o início, que se baseia sua dependência do inconsciente - e não menos firmemente na neurose obsessiva do que na histeria.*⁹

Na obra freudiana, o termo interpretação surge precisamente a propósito dos sonhos. Se ele se impôs, e tanto que participa do grupo seletivo de “palavras-chave” evocadas automaticamente pela referência à psicanálise (como “trauma”, “complexo de Édipo”, “libido”, “sexualidade”), seria preciso não esquecer que a prática clínica está longe de se conformar a seu modelo. Na contramão da interpretação e apresentando uma adesão bem mais intensa¹⁰, apresenta-se um outro procedimento que poderia ser designado pelo qualificativo “conteudístico”. A grande maioria dos autores faz da interpretação e da análise conteudística procedimentos complementares¹¹; ao longo desse texto pretende-se demonstrar sua incompatibilidade. *Enquanto a análise tem por objeto qualquer conteúdo do discurso que se entenda privilegiar, a interpretação tem por único objeto o próprio discurso.*

Como habitualmente acontece, a hesitação e também o conseqüente ecletismo procedem do próprio Freud. A preconização freudiana de que o psicanalista corresponda com “atenção flutuante” à “associação livre” constitui uma indicação clara de que o objeto da escuta é o discurso e não determinado aspecto do seu conteúdo. Por outro lado, a própria denominação “psicanalista” poderia ser vista como um indicativo em sentido contrário... para não falar da ênfase concedida à análise das recordações da infância, das fantasias derivadas do complexo de Édipo, das modalidades de defesa, da resistência e da transferência em diferentes momentos da teorização freudiana.

Ir na direção oposta ao ecletismo não deixa, portanto, de constituir um questionamento à posição (tão eloqüentemente implícita que quase chega a ser explícita) do próprio Freud a respeito¹². Por outro lado, entendemos que fazê-lo é privilegiar o que a metodologia freudiana possui de mais... “autêntico”. Palavra certamente valorativa - tanto quanto denotativa de uma atitude presunçosa... - que utilizamos por falta total de alternativa, mas também para enfatizar uma tomada de posição.

Pela expressão “análise conteudística” designar-se-á o privilégio concedido a tal ou qual tema nas diferentes etapas que marcaram a elaboração do método psicanalítico, dando a entender qual seria o seu objeto - o seu objeto por excelência ou o seu objeto preferencial¹³. Assim, de acordo com os diferentes momentos da “história da técnica psicanalítica” e da “linha” ou das preferências pessoais do analista, privilegiou-se (exclusivamente ou não) a *análise de*: recordações infantis, sintomas, fantasias,

“conteúdos” edipianos, resistências, transferências, incongruências entre o conteúdo e a forma da fala, “*acting outs*” e, quem sabe, ainda outros aspectos, pois nessa perspectiva procede-se por exaustão e é difícil saber em que se deve parar - se é que se deve¹⁴. (Trata-se, aliás, de um enfoque cumulativo, que costuma aceitar ou propor inovações, as quais serão por sua vez somadas ao acervo existente). A palavra *análise* merece especial atenção; sua função talvez seja a de prover o psicanalista de um “objeto concreto”, que poderia ser “examinado”, e que faria às vezes dessas outras análises costumeiramente pedidas pelo médico: sangue, urina, fezes... Há bons motivos para suspeitar que a conhecida influência do modelo médico sobre a psicanálise seja ainda maior do que se tem reconhecido. Não nos dedicaremos, contudo, a indagar pelas raízes teóricas do enfoque conteudístico. O interesse reside em argumentar convincentemente acerca do que nos parece constituir uma oposição irreduzível entre os conceitos de *interpretação* e *análise*.

A conseqüência mais deplorável da análise conteudística é a de promover a interferência da teoria na prática clínica. Correspondentemente, ela rastreia a causa - muito compreensivelmente, pois a teoria tem um compromisso, variável segundo a posição epistemológica adotada, mas mesmo assim um compromisso, com a etiologia. A busca da causa situa o discurso do analisando no registro da informação, procedimento que julgamos incompatível com a aferição do sentido. Essa última frase exige a explicitação do seu pressuposto, que é o seguinte: *A análise, cujo objeto é tal ou qual conteúdo do discurso, tem por finalidade estabelecer a etiologia¹⁵ do sintoma¹⁶, enquanto a interpretação, cujo objeto é o discurso, visa unicamente o sentido¹⁷*. Postular a incompatibilidade entre análise de conteúdo e interpretação implica em fazer outro tanto no que se refere à relação entre causa e sentido, atitudes que o presente enfoque estima resultarem em práticas clínicas opostas.

Eis a argumentação. O rastreamento da causa permanece orientado pela preocupação teórica, mesmo quando a causa hipostasiada apresenta alguma novidade em relação à teoria existente; tratar-se-á então de uma contribuição ao desenvolvimento da teoria. Inversamente, a busca de sentido renuncia a tudo o que não seja a singularidade considerada absoluta, não apenas a do sujeito em questão, mas sobretudo a do discurso de tal ou qual sessão. Apesar da evidente implicação entre as noções de discurso e sujeito, é importante distingui-las, operação que julgamos imprescindível do ponto de vista da prática clínica. Nessa perspectiva, o discurso deve ser diferenciado

daquele que o profere (isto é, da “pessoa” ou do conceito de “personalidade”) na medida em que a interpretação somente pode ter por objeto o sentido do discurso e nunca as “características” de fulano de tal, a respeito de quem o psicanalista não teria como manifestar-se sem assumir uma atitude diagnosticante (conotando avaliação e julgamento) e, portanto, estranha à postura interpretativa. Assim, o trabalho de cada sessão se circunscreve à e se define pela interpretação dos respectivos enunciados; os das sessões prévias, salvo se retomados pelo analisando, e somente nessa medida, tampouco se integram à interpretação atual; se tal recurso fosse adotado, a interpretação ficaria novamente subordinada, desta vez a um outro tipo de teoria, aquela que o psicanalista teria elaborado sobre seu analisando a partir das sessões anteriores¹⁸.

A injunção de recordar o trauma seria o exemplo por excelência do procedimento conteudístico. Se o elemento causalista e a subordinação do método à respectiva hipótese teórica (trauma infantil como causa do sintoma manifesto após a puberdade) são absolutamente evidentes no referido procedimento, é preciso assinalar que, mesmo se de maneira menos nítida, essa abordagem continua governando a prática clínica após a descoberta da sexualidade infantil e ainda permanece ativa nos bastidores quando o Édipo entra em cena. A substituição da busca do trauma, (primeiramente pelo interesse em recuperar as lembranças relativas a uma educação repressiva e, posteriormente, pela exumação das fantasias ligadas ao arcabouço edípiano) não liberta Freud de um duplo recurso aos elementos referenciais do discurso do paciente: os dados biográficos, de um lado, e de outro, a própria teoria (a teoria que situa nas fases da sexualidade infantil a “*fons et origo*” do sintoma).

Mesmo assim, admitir-se-á que essa transformação (ou seja, a revogação da teoria do trauma, ocasionada pela aferição do papel desempenhado pela fantasia no que se refere à memória) abre espaço para o procedimento interpretativo, embora simultaneamente o restrinja ao papel de auxiliar da análise conteudística. Essa última continua dando as cartas na medida em que o discurso é concebido como veículo para se obter as informações consideradas imprescindíveis¹⁹. É preciso reconhecer, não obstante, que a erradicação do sintoma, finalidade por excelência do “tratamento” na época da teoria do trauma, é substituída pela transformação estrutural, nova meta instaurada pela ascensão do complexo de Édipo ao zênite teórico/metodológico. Trata-se de uma vitória do “sentido” em sua porfia com a “causa”, mas, mesmo não sendo uma vitória de Pirro, ainda assim seu alcance é muito restrito.

Certamente a importância auferida pela fantasia promove um distanciamento em relação aos elementos referenciais citados, tanto os teóricos como os biográficos²⁰, que são de certa forma substituídos por uma nova modalidade de referencialidade, a da própria fantasia, consubstanciada na teorização do Édipo²¹. *As mudanças metodológicas resultantes detêm-se, porém, no hibridismo entre detecção da causa e exegese do sentido, hibridismo claramente denotativo da não consolidação da teoria da interpretação incipientemente formulada n' A interpretação dos sonhos.* Combinando uma postura médica resquicial - causalista e subordinada a um saber prévio - com a concepção oposta, consistente em ater-se às associações do paciente, a abordagem clínica freudiana paga tributo a essa indefinição epistemológica²² que a condena ao ecletismo metodológico.

Dentro desse quadro, a descoberta da transferência representa a tentativa - quase desesperada - de encontrar o chão da realidade, depois que a fantasia, ou mais precisamente a compreensão de suas implicações²³, volatizou a verossimilhança das experiências infantis relatadas nas sessões. O psicanalista passa a se apoiar na prova testemunhal fornecida pelas emoções, do que o paciente sente a seu respeito, o que lhe permitiria deduzir a “verdadeira” relação que ele mantinha com seus pais ou substitutos... relação que simultaneamente teria funcionado como *causa* de suas dificuldades atuais e cuja revelação, efetuada por meio da inserção dos conflitos do paciente no quadro teórico pertinente, teria um valor terapêutico. Outra vantagem das emoções para um tal enfoque: elas têm toda a aparência da autenticidade em contraposição à palavra, sempre tida por enganosa, lacunar, omissa, dissimulada. Segundo a abordagem em questão, não se emocionar abundantemente é cometer o pecado capital de recusar envolvimento com a análise e seu representante. De acordo com essa valorização das secreções de alto teor afetivo (como a lágrima e sua coriza), os consultórios passam a incorporar um novo tipo de equipamento obrigatório: os lenços de papel. *Concebida dessa forma, a transferência visa dar acesso ao passado da maneira mais fidedigna possível.* Objeto por excelência da teoria, a infância finalmente poderia ser exumada de maneira confiável desde que porte o selo de garantia da relação transferencial.

O resultado - paradoxal - é que, para recuperar a “causa” dos conflitos, o ocupante do divã é submetido a um notável processo de infantilização. Sentado em seu posto de observação, o psicanalista permanece à espreita de qualquer indicio que possa

justificar a análise transferencial e tende a referir toda fala que revele certa intensidade emocional à própria situação analítica. O passo seguinte é a dedução da natureza das relações primordiais (ou primárias) do paciente. Quando isso não ocorre (ou seja, quando falta a intensidade emocional do lado do divã), os sentimentos próprios (acionados freqüentemente por essa decepção), são utilizados pelo psicanalista para propiciar a referida operação dedutiva (“identificação projetiva”). Não é necessário acrescentar que tais procedimentos são característicos da abordagem kleiniana. Desse ponto de vista, dá-se por certo que, com a “descoberta” das imagos materna e paterna do paciente graças às modalidades de relação transferencial assim obtidas, ter-se-ia chegado à “causa” dos seus conflitos e dificuldades.

*Em outras palavras, há bons motivos para suspeitar que a promoção da transferência, o principal conteúdo da análise - operação teórico-metodológica que mereceria o nome de “hipertrofia da transferência” - tem por finalidade amenizar a insegurança gerada no psicanalista pela areia movediça da fantasia. A constatação da sua subordinação ao desejo retira da memória qualquer resquício de confiabilidade e faz da psicanálise uma prática puramente conjectural em termos factuais. Trata-se de uma situação difícil, da qual o psicanalista, sem chão sob os pés, é salvo *in extremis* pela transferência, cuja ruidosa presença devolve-lhe a “realidade” tão ardentemente buscada. A transferência: eis aí um tipo de memória confiável. De fato, se privilegiar a fantasia (sempre que não se a restrinja a uma concepção ingênua de “imaginação”²⁴) significa dar cada vez mais importância ao sentido do discurso e cada vez menos à referência do mesmo, em compensação, mediante sua subordinação à transferência, o imaginário é reconduzido ao “real” (ou seja, o seu sentido é reabsorvido pela idéia de causa, situada nas vivências infantis). A fantasia “transferencializada” passa a ter uma função específica: a de revelar as características das relações primordiais. Estas, por sua vez, são concebidas como a situação real que teria gerado os atuais conflitos, sendo tais dados biográficos referidos, por sua vez, quer à estrutura edipiana concebida em termos genéricos (ortodoxia freudiana), quer às relações estabelecidas no primeiro ano de vida (doutrina kleiniana); de qualquer maneira, recupera-se, retroagindo à “origem” da fantasia, um “real”, teórico ou biográfico. Em ambos os casos, ter-se-ia alcançado, mesmo se com a respiração arfante, a ardorosamente perseguida origem (dos conflitos, inibições, sintomas, inadequações, dificuldades, etc.).*

2 - O sonho

*Eu lhes digo o que Freud fez. DIGO-LHES COMO PROCEDE SEU MÉTODO. E, na verdade, basta abrir em qualquer página o volume da Traumdeutung para encontrar o equivalente.*²⁵

Mas se a fantasia pode ser “recapturada” após alguns esperneios, o sonho parece invulnerável enquanto baluarte do sentido. É importante compreender a razão dessa inexpugnabilidade.

Antes de mais nada, o sonho é referenciado primeiramente às respectivas associações... e se estas costumam remeter aos restos diurnos, tais elementos da “realidade” (ou seja, da vivência do sonhador) são, por sua vez, solenemente desconsiderados por Freud enquanto “causa”, pois constituem apenas um material apropriado de que o sonho se serve para veicular sua “mensagem”, esta sim fundamental. .. e exclusivamente discursiva. No sonho, a predominância do sentido sobre a causa é uma evidência e não será demais insistir em que, por essa razão, o termo “interpretação” surge a propósito do sonho e é com relação a ele que mantém a sua principal referência.

Em nenhum outro aspecto da sua teoria Freud trata o “real”²⁶ (a experiência, a vivência) de uma maneira tão despectiva. A mesma atitude prevalece em relação ao orgânico. A vontade de urinar, uma dor de dentes ou o som estridente do despertador são outros tantos estímulos que o sonho, enquanto cumpre sua tarefa de proteger o sono, configura de acordo com os interesses do “capitalista” do sonho, isto é, o desejo inconsciente.

Como se não bastasse, na contramão do senso comum que vê na fadiga a via de ingresso ao reino de Morfeu, Freud atribui o próprio ato de dormir à frustração que a vida de vigília impõe ao princípio do prazer; tal seria a razão da proteção exercida pelo sonho em relação ao sono. Com essa afirmação, ele reitera a subordinação do fisiológico ao inconsciente, gesto que, em sua teorização anterior, só tem paralelo no que se refere à sexualidade e, mesmo assim, após uma série de marchas e contramarchas²⁷.

Por outro lado, se a teoria do sonho recupera compreensivelmente a noção de causa assinalando o caráter arcaico do desejo responsável pelo onirismo (os “imorredouros desejos infantis”), não é menos verdade que tais desejos já não são

“desejos concretos”, isto é, aquilo que Lacan diferenciara sob a denominação *demanda*²⁸; estão muito mais próximos do “estrutural” e nesse sentido, sem dúvida, sua matriz é a situação edípica. Assim, se a teoria do sonho supõe uma causalidade, por outro lado a define por subordinação à noção de estrutura - ou seja, a estrutura desejante, cujas possibilidades (diferentes modalidades de conflito e sublimação) obedecem às regras da gramática edípica ao mesmo tempo em que se manifestam no dialeto da singularidade.

O sonho representa assim um raro - ou mesmo único - caso de limite imposto à etiologia na obra freudiana. *Julgamos que tal restrição à noção de causalidade deve-se precisamente ao procedimento interpretativo formulado para dar conta do sentido do sonho*. Entende-se que a própria interpretação tenha por implicação o abandono da preocupação com a origem (do sintoma, do conflito), já que sua referência é o discurso, e, para além do discurso só há esse vazio ao qual Freud aludiu mediante a afirmação de que o umbigo do sonho está ligado ao desconhecido. Subentende-se, igualmente, que o acesso à causa seja totalmente irrelevante para a finalidade terapêutica - embora estejamos ainda muito longe de saber “como” a interpretação produz seus efeitos²⁹. Quando Freud define o discurso como objeto e a interpretação como método cessa a possibilidade de aferir a etiologia de sintomas ou conflitos. A afirmação de que o sonho está umbilicalmente ligado ao desconhecido tem por implicação a renúncia à idéia de causalidade. Ou seja, quando se trata de interpretar e não de analisar, a idéia de causa cede lugar à de possibilidade, noção que, em ciências humanas, corresponde à de probabilidade tal como estabelecida nas ciências que admitem o cálculo e a mensuração³⁰. (Salvo engano, para além da teoria dos sonhos, Freud somente assume uma atitude semelhante em **Análise terminável e interminável**, texto em que é admitido o caráter inerentemente incompleto do trabalho psicanalítico). Poderíamos propor a seguinte leitura para essa admissão freudiana: *“Para além do sentido, cem e do discurso, nada é possível saber - e nem é necessário”*. Ou ainda: *“O sentido não se subordina à causa”*.

De forma que a célebre asserção “o sonho é a via real para o inconsciente” poderia perfeitamente significar: “Já que o sonho, tal como comparece na clínica, não é senão o relato verbal do sonho, já que o que interessa em relação ao sonho é unicamente o seu sentido, já que somente a interpretação pode alcançar o sentido, é precisamente em relação ao sonho que o método psicanalítico - a interpretação - alcança plena e

legítima expressão”. Caso em que a expressão *via real* referiria menos o próprio sonho e mais o método formulado para interpretá-lo. (“Método”, aliás, que provém do termo grego para “caminho”). Na **Terceira lição de psicanálise** (1909), Freud escreve: “...*análise de sonhos, cuja técnica se confunde com a da própria psicanálise*”. Freud emprega aqui o termo “análise” (seria necessário consultar o original em alemão) e não “interpretação”, o que pode tanto indicar que ele privilegia a interpretação como procedimento por excelência da psicanálise quanto, inversamente, demonstrar sua condescendência com essa indiferenciação entre análise e interpretação que supomos subjacente ao impasse metodológico ora examinado.

De qualquer maneira, na prática freudiana, a “teoria” é outra... (e isso literalmente, na medida em que a teoria invade o terreno metodológico). Nos dois sonhos de Dora (**Fragmento da análise de um caso de histeria**, 1905), encontramos a mais clara expressão do conflito entre as duas tendências, a interpretativa e a analítica. Essa última se ocupa, como sempre, do rastreamento da causa, manifestando-se por meio de um verdadeiro interrogatório a que Dora é submetida, principalmente sobre acontecimentos de sua infância, mas também com relação à origem de seus conhecimentos acerca da sexualidade. Apesar da inquirição, sobram algumas lacunas, que são preenchidas pelas associações do próprio Freud...³¹ Inversamente, quando ele se atém à prática interpretativa, emergem os elementos que fornecem finalmente os índices mais rigorosos do sentido. Exemplifiquemos com o segundo sonho: Dora, a duras penas, (a *dificuldade de alcançar* a estação *onde tomará o trem de volta para Viena*), renuncia ao senhor K. (*deixando a cidade desconhecida que metáforiza “casamento”*), e troca a sexualidade “prática” (*bosque, lago. Sr. K*) pela “teórica”... (*sobe as escadas [= negação de gravidez], entra em seu quarto e abre um grande livro*). O sentido do sonho é, pois, o retorno de Dora à condição de filha, à qual é sacrificada - mesmo se penosamente - a de mulher. Escapa talvez a Freud o caráter metafórico da “morte do pai”, informação que, comunicada pela carta da mãe, constitui o elemento decisivo para que a moça volte para casa³².

Ainda que o sonho também permita, se considerado enquanto “conteúdo” da sessão, a prática da *análise*, isso ocorre apenas num segundo momento, quando Freud se empenha em buscar os “índices de realidade” associados ao que para ele constitui uma exigência teórica: “Mas *havia ainda uma dúvida, em cuja solução eu devia insistir. Estou convencido de que um sintoma desta espécie*³³ só aparece quando tem um

protótipo infantil. Até aqui, minha experiência levou-me a afirmar com convicção que as lembranças originadas das impressões de anos posteriores não possuem força suficiente para fazê-las estabelecerem-se como sintomas. Eu mal ousava esperar que Dora me fornecesse o material que desejava de sua infância, pois a verdade é que ainda não me encontro em posição de afirmar a validade total desta regra, embora desejasse profundamente poder fazê-lo. Mas, nesse caso, surgiu uma confirmação imediata. Sim, disse Dora, quando criança ela torcera aquele mesmo pé; escorregara em um dos degraus quando DESCIA as escadas”. (Obras Completas, vol. VII, pg. 100; o sublinhado é meu).

Assim, Freud impõe-se o dever de buscar o respaldo teórico para sua interpretação, e se o sintoma é lido como literalização da metáfora “dar um mau passo”, esta, por sua vez, exige um evento real como origem. Mais uma vez é invocado o apoio dos fatos para sustentar a incômoda diafanidade do discurso. O procedimento interpretativo, contudo, dispensaria perfeitamente a chancela da teoria que teria tornado obrigatória a recordação do acidente da infância. Para aferir o sentido de “subir escadas com facilidade”, bastaria que Dora fornecesse - o que de fato ocorreu - “material” para que esse elemento do sonho fosse desmetaforizado enquanto negação da gravidez, visto que esta se associava por sua vez à pseudo-apendicite (manifesta pela dificuldade de subir escadas). A expressão “dar um mau passo” deve-se a uma associação do próprio Freud e, apesar de sua plausibilidade, é desnecessária para a interpretação - além de representar, do ponto de vista da “técnica”, um procedimento totalmente incorreto. (Freud forneceu a metáfora em vez de limitar-se a interpretar a produzida pela própria Dora). Contudo, sabemos que ele está interessado em compreender a origem e a história do deslocamento (ou sua trajetória) para entender o sintoma, com a finalidade declarada de confirmar um ponto teórico³⁴. E se o sintoma, de acordo com suas convicções teóricas do momento, repousava necessariamente num acontecimento ocorrido na infância (daí a referência à teoria do trauma no parêntese da frase anterior), então seria necessário comprová-lo mais uma vez para aferir a exatidão da interpretação³⁵. Não haveria qualquer problema nisso se se tratasse de uma consulta médica, em que os conceitos de causa e efeito (seqüela) gozam de plena legitimidade. Mas, em psicanálise, trata-se de saber se a pesquisa teórica “direta” é de fato compatível com a metodologia interpretativa. Por tudo quanto já foi argumentado, pesquisar a origem de um sintoma que só aparece (como só pode aparecer) no discurso, é desconsiderar o discurso

enquanto objeto e colocar em seu lugar a respectiva referência. Em outros termos, a pergunta pela etiologia caracteriza a prevalência da significação (isto é, do caráter referencial do discurso) sobre o seu sentido; insistamos: este último não poderia ser captado senão pelo procedimento interpretativo, que é, por definição, totalmente “agnóstico” em relação à existência da causa³⁶.

Aqui faz-se necessário mencionar uma questão bastante espinhosa, a da relação entre prática e teoria. Esse ponto, extremamente importante, não poderá, contudo, ser desenvolvido neste trabalho. Admitiremos de bom grado que a análise de conteúdo se presta realmente bem melhor ao desenvolvimento da teoria do sujeito inerente à psicanálise do que o procedimento interpretativo e que, sob esse aspecto, a “primeira técnica” freudiana teria constituído, se privilegiarmos a perspectiva teórica, um “erro” de conseqüências favoráveis. Erro vai entre aspas porque evidentemente a notável descoberta do próprio procedimento interpretativo não poderia deixar de ser tributária dos passos anteriores associados ao que temos designado por “análise de conteúdo”. O sonho, por exemplo, “sede” do procedimento interpretativo, advém, a princípio, como mais um “conteúdo”, antes de exigir a elaboração do método que subverteria o modelo médico causalista predominante até então. De qualquer forma, é possível duvidar do teor da conhecida afirmação freudiana relativa à feliz coincidência que faria do tratamento psicanalítico uma afortunada conciliação entre o objetivo do pesquisador (conhecimento teórico) e o objetivo do paciente (a “cura”). Poderíamos dizer que, durante muito tempo, a teoria se desenvolveu “às custas” do método (portanto da “cura”) e que, se de um lado esse procedimento trouxe benefícios fundamentais (no que se refere ao estabelecimento da nosografia psicanalítica, por exemplo), ele não se justifica mais atualmente. Admitindo a plausibilidade dos comentários anteriores sobre Dora, seremos obrigados a reconhecer que o sonho, tampouco ele, escaparia totalmente de uma “recaptura” pela análise conteudística. Cabe assinalar igualmente, porém, que a recaída em questão só acontece após a interpretação ter sido efetuada e obedece claramente à intenção de dar um lastro factual/etiológico ao sentido. Os dois procedimentos utilizados por Freud quando aborda o sonho permitem ilustrar, portanto, o contraste entre as práticas interpretativa e analítica. Enquanto a dimensão do presente e a inquirição do sentido conferem ao discurso o papel de objeto do método psicanalítico, a dimensão do passado e a preocupação etiológica reafirmam a primazia teórica da causalidade. Mas, e isto é decisivo, é preciso levar em conta que, quando o

Édipo se transforma graças à teorização das fantasias originárias e das teorias sexuais infantis, a noção de estrutura (oposta à de causalidade e correspondentemente próxima à de sentido) se institui também em relação ao “passado”. *Embora Freud pareça não perceber tais modificações e nem o caráter contraditório dos respectivos procedimentos, utilizando todo o seu arsenal metodológico e teórico simultaneamente, a distinção entre interpretação e análise de conteúdo parece-nos imprescindível para compreender a indefinição entre método e teoria em sua prática.*

De acordo com a discussão precedente, concluiremos que o primeiro referente do sonho se encontra no discurso. Mesmo que nos restrinjamos ao modelo de interpretação do sonho de 1905 (ou seja, o modelo do caso Dora, mas que se repete, aliás, uma década depois na análise do “Homem dos lobos”³⁷), e antes que as preocupações teóricas enraizadas no modelo médico voltem a ofuscar a cena (“a outra cena”), a reinserção do relato no sonho na cadeia discursiva, imprescindível para aferir o seu sentido, permite a Freud vislumbrar o alcance dessa operação para o próprio método psicanalítico.

3 – Lacan e as operações oníricas freudianas

*Aquela noche corri,
el mejor de los caminos,
montado en potra de nácar,
sin bridas y sin estribos*³⁸

Sabe-se que a teorização freudiana acerca da elaboração onírica foi objeto de uma releitura por parte de Lacan, orientada de acordo com a chave lingüística. Das quatro operações descritas por Freud, Lacan priorizou a condensação e o deslocamento, definindo-as a partir das figuras de linguagem (ou *tropos*) conhecidas como metáfora e metonímia. As outras duas noções propostas por Freud, a saber, a “consideração de figurabilidade” (*Rucksicht auf Darstellbarkeit*) e a elaboração secundária³⁹, não foram objeto do interesse lacaniano.

O questionamento das correspondências acima mencionadas (metáfora e condensação, metonímia e deslocamento), postuladas por Lacan, envolve uma preliminar, a de entender como condensação e deslocamento são definidos por Freud. Em princípio, Freud designa pelo termo “condensação” a compactação dos pensamentos latentes numa determinada imagem onírica⁴⁰. O “sonho do tio José”, em que um rosto emoldurado por uma barba loura representa simultaneamente um amigo do sonhador,

“R”, (que como o próprio Freud esperava uma nomeação para um cargo universitário), e o aludido parente, é um exemplo de condensação⁴¹. As associações de Freud conduzem ao seguinte: se o professor em questão fosse como o referido tio (a quem se atribula um deslize financeiro), haveria razões suficientes para que o primeiro não fosse nomeado, caso em que Freud poderia continuar alimentando esperanças nesse sentido, já que sobre ele não pesaria qualquer imputação semelhante. A “grande afeição” pelo tio, sentimento integrante do sonho, constitui, para Freud, um exemplo de deslocamento, na medida em que disfarça uma das idéias centrais, ou seja, a “calúnia” endossada pelo sonhador contra R. e N., (um outro amigo de Freud, igualmente interessado num cargo universitário e que, por esse motivo, aparece nas respectivas associações).

Poder-se-ia dizer que Freud usa o termo condensação para referir uma operação que pode ser desfeita com certa facilidade, desde que a recordação dos “restos diurnos”, responsáveis pelas imagens do sonho, não seja bloqueada pela resistência. De fato, ele confessa uma “má vontade” inicial para com a interpretação do sonho em questão, atitude mais apropriada, comenta, num paciente; uma vez superada a barreira, os pensamentos latentes ocorrem com relativa fluência. Assim, o sonhador percebe sem grande dificuldade, mesmo se com certo desagrado, que a associação entre R. (e N.) e o tio José obedece possivelmente a um desejo de manter as esperanças de nomeação⁴². A condensação em questão, portanto, tem certamente um caráter metafórico, instituindo uma semelhança obtida por comparação, cujo teor seria semelhante ao de uma difamação.

Mas outro tanto ocorre com o que Freud chama de deslocamento.

“Sinto uma grande afeição por ele(s)”⁴³ metaforiza o não querer saber da “calúnia” veiculada pelo sonho. Esse procedimento de despistamento poderia representar uma operação onipresente nos processos de elaboração onírica, escreve Freud e, nesse caso, seria “*uma descoberta de validade gerar*’ para a teoria dos sonhos (IV, 151).

A partir dessas formulações iniciais, diríamos que a condensação colabora com a censura subsumindo uma vasta cadeia discursiva (“pensamentos latentes pré-conscientes”) em elementos mínimos⁴⁴, miniaturização que a tornaria em princípio irreconhecível, enquanto o deslocamento chama a atenção para os “elementos mínimos” menos importantes ou mesmo intercala imagens despistadoras em relação ao sentido do enunciado onírico (no caso do presente sonho, por meio de uma estratégia de maximizar

um sentimento e omitir outro). *Mais importante, porém, é considerar que as regras propostas por Freud dão a entender que a condensação e o deslocamento somente poderiam ser superados por intermédio de associações, que progressivamente deixariam de se restringir aos restos diurnos responsáveis pelas imagens “escolhidas” pelo sonho, para mergulhar decididamente no âmbito discursivo. Se a condensação é “desfeita” quando as imagens oníricas (significantes) são relacionadas com os respectivos restos diurnos, o deslocamento apenas seria superado por meio do exercício da discursividade não limitada a qualquer temática. Nesse caso, “sinto uma grande afeição por ele (s)”, apesar de manifestar-se no sonho como uma emoção (ou um “pensamento”), permanece funcionando como imagem (conteúdo manifesto) e, portanto, como condensação. Freud dá-lhe porém o nome de deslocamento porque seu poder de ocultação (de mascaramento) parece bem maior do que o da imagem que representava simultaneamente o tio e o amigo.*

Diríamos, não obstante, que, em ambos os casos, se trata de metáforas, uma mais “transparente” e outra mais “opaca”. Entende-se, então, porque Freud compara o sonho ao delírio; as imagens oníricas são, similarmente, significantes separados das respectivas cadeias discursivas em que se encontram simultaneamente o seu significado (*metáfora transparente*) e o seu sentido (*metáfora opaca*). A diferença reside em que o relato (a recordação) do sonho permite eventualmente restituir essa relação, na medida em que a atitude do sonhador para com sua “alucinação noturna” se distingue da de uma pessoa em surto psicótico com referência a seu delírio.

Portanto, tanto em relação à condensação como ao deslocamento, cabe a hipótese de que se trata de uma substituição por metaforizarão, substituição esta que ocorre no âmbito discursivo (e não morfemático ou sintagmático). Assim, a segunda metáfora (que Freud designa por “deslocamento”) e cuja possível tradução seria: “Eu nao gostaria de saber que estou interessado em difamar meus amigos para manter minhas esperanças de nomeação”, para ser compreendida, tal qual a primeira metáfora (“meu amigo R. [N].), como meu tio José, cometeu um deslize, logo não merece o cargo”), precisaria ser reinserida no discurso ao qual pertence. De fato, apenas após essa reinserção é que Freud poderá notar o contraste entre o que sente “realmente” pelo tio (nenhuma afeição) e o apreço constante do conteúdo manifesto do sonho, bem como o exagero da afeição onírica pelos amigos, que tampouco tem correspondência com o relacionamento mantido com os mesmos. A dependência em relação ao contexto

é precisamente uma característica marcante da metáfora, o que pode ser aferido, por exemplo, no que se refere às metáforas comumente empregadas coloquialmente, em ditos de espírito, poesia, sintomas e mesmo nos vocábulos cuja etimologia metafórica pode ser compreendida recuperando-se a situação que gerou (ou seja, que “explica”) a analogia. *Essa dependência em relação ao contexto aponta para o fato de que a metáfora tem uma natureza intrinsecamente discursiva.*

Algumas páginas após os primeiros comentários sobre o sonho do tio José, Freud propõe uma interpretação diferente, ao mesmo tempo em que critica a anterior. Segundo a nova hipótese, o sonho expressaria um anseio, que remonta aos tempos de adolescência, de ser ministro (visto colocá-lo na posição de autor do julgamento despectivo em relação aos dois amigos e, portanto, como alguém que tem o poder de decidir sobre a nomeação dos mesmos). Essa associação, por sua vez, promove uma recordação de infância, em que um adivinho de restaurante teria predito para o menino de onze anos que almoçava com seus pais num restaurante às margens do Präter o futuro de “um grande homem”.

As novas associações permitem-lhe modificar a interpretação anterior pela seguinte: o anseio de obter o cargo de professor - que caso representasse por si só o desejo onírico teria sido expresso por outros meios não constitui o elemento principal do sonho; mais importante seriam as condições de obtenção do cargo, isto é, que R. (e também N.) fossem excluídos. (Cabe lembrar aliás que Freud, R. e N. não estão disputando o mesmo cargo, ou seja, que a exclusão dos amigos não constitui condição necessária para a nomeação em questão). Nesse caso, trata-se menos de uma calúnia a serviço da manutenção de uma esperança do que da busca de um privilégio, para o que seria imprescindível a não nomeação dos amigos. Situação de exclusão semelhante, aliás, à comparação que é possível estabelecer entre os dois irmãos (o pai de Freud e seu tio José); um seria honesto e o outro não, um seria perspicaz e o outro simplório. Assinalemos que as novas associações estão bem distantes da navegação de cabotagem em que a costa dos restos diurnos permanece referenciando a rota da leitura do sonho; na segunda interpretação Freud já se encontra em pleno mar aberto do discurso. Percebe-se então que a primeira interpretação (a da calúnia) é obtida com relativa facilidade (de fato, os “pensamentos latentes” lhe dão acesso), enquanto a segunda seria obscurecida pela primeira - ainda que não a contradiga como pretende Freud (IV, pp. 203/204). A oposição entre ambas se restringe ao fato de que a interpretação inicial se

afigura como perfeitamente satisfatória, impedindo assim o acesso ao sentido mais “profundo”. Efetivamente, a primeira tradução propunha a seguinte enunciação: “*Preciso* excluir (caluniar) R. e N. para aceder ao cargo, mas tenho vergonha de fazê-lo”. E a segunda: “*Desejo* o cargo para excluir R. e N., mas tenho vergonha de fazê-lo”. A primeira interpretação constitui um passo em direção à segunda, à qual poderia ainda acrescentar-se uma enunciação paralela de modo a incluir a explicação do sonhador para seus sentimentos, ou seja, o desejo de cumprir as expectativas parentais: “*o meu anseio de ser superior para satisfazer meus pais faz com que eu entre em choque com meus pares*”.

Portanto, levando em consideração não apenas o sonho, mas todos os comentários de Freud, inclusive e principalmente suas duas hipóteses interpretativas, obter-se-ia um enunciado ainda mais abrangente. Trata-se afinal de uma oposição entre necessidade e desejo, isto é, entre justificar por uma situação externa certo sentimento desagradável, de um lado, ou admitir que ele é intrínseco ao sonhador, de outro... Assim, o sonho do tio José mais os respectivos comentários apontariam para uma interpretação em que o sentido parece emergir do contraste entre duas atitudes: a de atribuir os próprios sentimentos às circunstâncias ou, em oposição, admitir que o sentimento é da “responsabilidade” do sonhador (e se relaciona com as vivências por meio das quais ele se reconhece). Seria, digamos, um sonho de ressonâncias epistemológicas...

4 – Metáfora transparente e metáfora opaca

*A metáfora não é a coisa no mundo das mais fáceis de falar.*⁴⁵

Em outro texto⁴⁶, mediante as noções de “metáfora transparente” e “metáfora opaca”, procuramos estabelecer uma distinção entre a metáfora “manifesta” ou evidente (o melhor exemplo seria o da metáfora coloquial: “CADA MACACO EM SEU GALHO”, “A VACA FOI PRO BREJO”, “NÃO DAR PONTO SEM NÓ”, etc.) e a metáfora discursiva, em principio totalmente indiscernível enquanto tal. A metáfora transparente é diretamente aferível, sendo facilmente identificada, na medida em que se expressa por meio de uma palavra ou expressão cujo caráter incompreensível, do ponto de vista literal, exige a decifração por parte do destinatário. De fato, este substitui a palavra ou expressão figurada por aquela

que constituiria seu sentido apropriado - desfazendo assim a operação metafórica mediante um procedimento análogo ao de uma interpretação, mas que deveria ser designado mais apropriadamente por tradução⁴⁷. Assim, “NÃO (SE DEVE) INVADIR O ESPAÇO ALHEIO”, “O PROBLEMA TORNOU-SE INSOLÚVEL”, “É PRECISO TER CAUTELA” seriam as significações atribuídas às metáforas coloquiais ou transparentes supra. Esse enfoque, aliás, coincide com a definição de metáfora adotada por Lacan: “uma palavra por outra”⁴⁸. O contexto seria necessário apenas - para a aludida operação.

Entretanto, tal definição, certamente bastante comum, confina a metáfora à dimensão do que é plenamente explícito. Uma palavra ou expressão explicitamente metafórica, quer seja enigmática⁴⁹, poética, chistosa ou coloquial, pede também explicitamente a atitude interpretativa, ou melhor, a tradução, por parte do destinatário. Decerto é necessário reconhecer que antes de Freud procurou-se entender tanto o sintoma como o sonho e o ato falho mediante explicações causais⁵⁰, e que, somente a partir da sua teorização é que a leitura de sentido toma o lugar do rastreamento etiológico. *Mas apesar disso, e mesmo em Lacan, que recuperou para a psicanálise, dando-lhe estatuto epistemológico, a dimensão lingüística “esquecida” na era pós-freudiana, o sentido, definido enquanto efeito eminentemente metafórico⁵¹, é não obstante referido a uma transposição de palavra por palavra ou expressão por expressão, ou seja, é confinado à substituição explícita - portanto a um âmbito não discursivo.*

Um exemplo à mão é o da releitura do “caso Dora” por Lacan que propõe como mola propulsora do conflito o amor inconfesso da moça pela Sra. K. A reinterpretção de Lacan difere da de Freud na medida em que este identifica na paixão recalcada de Dora pelo Sr. K. o fator elucidativo das atitudes “defensivas” da sua paciente⁵². Mas na contramão tanto da análise de Freud como da análise (insistamos: análise e não interpretação) de Lacan é possível “desmetaforizar”, não os sentimentos de Dora por quem quer que seja, *mas (apenas e tão somente) o próprio texto de Freud*, enquanto indicativo da dificuldade da protagonista de passar da condição de filha para a de mulher, na medida em que a posição de esposa, representada tanto pela mãe como pela Sra. K., se afigura para Dora como equivalente à de não ser amada, ao menos pelo próprio marido. Seria, portanto, justamente por acreditar que K. queria desposá-la (indício da “seriedade” de que K. teria dado mostras, como afirmava Freud), que Dora sentiu-se ameaçada... e interrompeu tanto o romance que corria o risco de tornar-se

casamento como a própria análise com um Freud casamenteiro que pretendia convencê-la das delícias e conveniências do himeneu...⁵³ O relato em que Dora corta com um tapa a frase em que K. destituía a própria esposa do seu amor (“Ela não significa nada para mim...”) talvez aponte para o que a Sra. K - isso sempre em relação ao texto⁵⁴ significava para Dora: a possibilidade de conjugar os atributos de “ser mulher (‘mulher’ significando ‘não-filha’)” e “ser amada” (visto que era a amante do pai). Dora se indigna não por estar apaixonada pela Sra. K - não há nenhum indício disso no relato⁵⁵ -, mas porque a Sra. K. lhe permitia conjugar feminilidade com valorização afetiva, construção que desmorona quando K., em sua declaração de amor, menospreza a esposa. (Não se trata, porém, de conceber esse acontecimento como decisivo; Dora poderia estar perfeitamente à espreita de qualquer justificativa para “retomar” ao pai). Assim, a tentativa de convencer Dora de seu amor por K. e da viabilidade de um casamento com ele é o que teria afastado Dora da terapia. Tudo leva a crer que, para a paciente, o próprio Freud, preconizando o casamento, faria parte do *complô* masculino tendente a colocá-la no papel de esposa, ou seja, de mulher não amada...⁵⁶ É nesse sentido que julgamos lícito afirmar que as duas leituras, tanto a de Freud como a de Lacan, na medida em que focalizam os “sentimentos”, “as reações”, o “desejo”, “o conflito”, ou “a histeria” de Dora de preferência ao seu discurso tal como aparece no relato das sessões, se inscreveriam muito mais no âmbito de uma análise de conteúdo do que de uma interpretação.

Diferentemente, a metodologia proposta por Freud para interpretar o sonho, ao deter-se por um tempo considerável nos limites do próprio discurso - condição *sinequanon* para a aferição do respectivo sentido - suspende momentaneamente a referência à pessoa do analisando, para poder percorrer a via real para o (seu) inconsciente... Momentaneamente, mas por um tempo suficiente para que se possa isolar o enunciado/enunciação da voz que o profere. O *sonho provê assim a diferença fundamental entre as noções de discurso e personalidade, distinção absolutamente imprescindível para o exercício do método interpretativo*. Resta estender o mesmo enfoque a todo e qualquer “tipo” de discurso, deixando de confinar o procedimento interpretativo ao próprio sonho. Assim, cabe afirmar que o “material” das sessões pertence de direito à jurisdição da interpretação desmetaforizante. O que significa entender como manifestação metafórica também o que Freud designou por “deslocamento”, ou seja, o discurso como um todo. Nessa perspectiva, toda sessão seria

tratada como sonho e todo sonho seria tratado como sessão ou, em outros termos, ambos seriam considerados sempre e invariavelmente na perspectiva discursiva, única capaz de justificar a intervenção psicanalítica. De fato, se aceitarmos considerar as imagens oníricas como metáforas (metáforas transparentes singulares⁵⁷), segue-se que elas estruturam um discurso específico e restrito, o onírico, que, por sua vez, se integra a outro discurso (chamado por Freud de “pensamentos latentes”, relacionado primeiramente aos “restos diurnos” e, posteriormente, às suas derivações⁵⁸). Esse “outro discurso” não é senão o discurso propriamente dito que, entendido em sua totalidade jamais plenamente acessível), coincidiria com o que é designado, numa perspectiva não lingüística, como “paciente”, “analizando”, ou seja, a pessoa que está no divã.

Segundo o enfoque adotado neste texto, a palavra ‘analizando’⁵⁹ (paciente) refere-se, portanto, à totalidade do discurso, totalidade que permanece inatingível, embora representada parcialmente pelo discurso de cada sessão. Esse é o sentido que poderia ser dado ao termo “metonímia” quando aplicado a ‘deslocamento’ (Lacan), ou seja, o de que o discurso manifesto é sempre parcial em relação ao “discurso total” (ou seja, à pessoa), parcialidade oculta pela sua lógica (ou ‘elaboração secundária’, como dizia Freud), que lhe confere a aparência de completude e coerência. O discurso seria metonímico porque não possui a autonomia e abrangência às quais aspira (não há primazia da consciência, como também dizia Freud), e seria metafórico porque aponta para um discurso subjacente, não necessariamente oposto mas em todo caso diferente, o discurso metaforizado - ou seja, o discurso inconsciente. Por ser metonímico, entendemos que apenas interpretamos o discurso de cada sessão, o qual, por sua vez, nunca equivale à totalidade do discurso, ou seja, à pessoa (o “analizando”); por ser metafórico, entendemos que interpretar seja o mesmo que desmetaforizar, operação pela qual se acede ao sentido, embora não ao sentido “total” - mas apenas ao dos enunciados da “sessão” em questão⁶⁰.

6 – Metáfora, metonímia, condensação e deslocamento

É preciso insistir nessa questão, pois trata-se de um ponto fundamental: se o conteúdo manifesto do sonho declara sem rodeios sua dimensão enigmática e exige, assim, uma “tradução”, (tal como o chiste, o sintoma, o ato falho), o conteúdo latente (ou seja, o sonho em conjunto com as suas associações), “esconde” ou não manifesta sua estruturação decididamente metafórica. Essa diferença tem uma importância crucial

em termos metodológicos. O conteúdo manifesto, claramente metafórico, condensa o universo discursivo subjacente mas simultaneamente e, ao contrário do que propõe Lacan, também pode ser pensado em relação com a metonímia, visto ser uma “parte” que representa o “todo” das associações. Diríamos então que, do ponto de vista das considerações de figurabilidade (*Rücksicht auf Darstellbarkeit*), ou seja, do caráter imagético do sonho, a condensação seria de fato metafórica⁶¹, mas em relação com o conteúdo latente (associações), relação caracterizada pela oposição “parte/todo” e prefigurada, aliás, pela elaboração secundária, a condensação evocaria muito mais a metonímia, por constituir um discurso dentro de um discurso.

Em oposição, o termo deslocamento parece aplicar-se muito melhor à operação de mascaramento ou disfarce, conforme ilustrado pelo sonho do tio José. (*Um bom exemplo de deslocamento seria o da operação “desfeita” por Freud quando passou da primeira para a segunda interpretação, procedimento que exigiu um novo conjunto de associações, ou seja, a inserção das metáforas transparentes singulares do sonho no âmbito discursivo*). Na terminologia ora proposta e apresentada acima, o deslocamento se expressa por intermédio da metáfora discursiva ou opaca, em contraposição à metáfora sintagmática ou transparente, mecanismo por excelência da condensação. O aspecto metonímico assinalado por Lacan designaria, de acordo com nosso ponto de vista, o fato de que toda sessão (todo discurso de uma sessão) seria “parte” de um todo virtual, jamais plenamente aferível, embora certamente “representado” pelo fragmento ouvido e interpretado, ou seja, o mesmo tipo de relação que Freud descreveu entre os conteúdos manifesto e latente do sonho. *Diríamos, portanto, que tanto a condensação como o deslocamento são metafóricos (diferenciando-se respectivamente pela transparência e pela opacidade, ambas singulares), na medida em que exigem a interpretação para que seu sentido seja explicitado, embora também sejam metonímicos porquanto a mencionada explicitação de sentido permaneceria assintótica - ou seja, jamais equivaleria à totalidade do discurso do sujeito.*

Em relação às duas interpretações de Freud acerca do sonho do tio José, poderíamos dizer, de acordo com a conceituação anterior, que a primeira se inscreve no âmbito da metáfora transparente singular (*tendo correspondência com a noção lacaniana de demanda*), enquanto a segunda se manifesta em nível discursivo (*ou seja, metáfora opaca, apontando para o que Lacan define como desejo*). A primeira desmetaforização (interpretação da metáfora transparente, ou seja, a expectativa de não

nomeação dos amigos por serem semelhantes ao tio significando calúnia e conseqüentemente rivalidade) é seguida de uma segunda desmetaforização, que representa, por sua vez, algo de caráter mais genérico e abstrato: desejo de exclusividade (ser ministro), metaforizado “opacamente” pelo anseio da nomeação em questão. Assim, do circunstancial (disputa de um cargo) passa-se ao estrutural (busca de primazia em toda e qualquer situação, atribuída às peculiaridades do relacionamento com os pais).

Considerar que o conteúdo latente está estruturado tão metaforicamente como o conteúdo manifesto do sonho significa que todo discurso, não importa qual seja o seu conteúdo, está estruturado metaforicamente; implica igualmente em considerar que, por essa razão, o procedimento interpretativo constitui o próprio método psicanalítico, definido como busca de sentido (isto é, *desmetaforização*) e não de causa. Tal procedimento atribui ao sentido do discurso pronunciado no momento da sessão o papel de testemunhar o que se revela *nesse momento*⁶². Essa atribuição de uma função determinante ao sentido do discurso se estenderia, por sua vez, a toda e qualquer manifestação discursiva, definindo a interpretação como desmetaforização, analogamente ao que foi estabelecido pela metodologia formulada por Freud em relação à interpretação do sonho, embora Freud tenha geralmente limitado a aplicação dessa prática à relação entre o conteúdo manifesto e suas associações imediatas⁶³. Tal abordagem implica igualmente em não considerar qualquer conteúdo como privilegiado em relação ao próprio discurso. O próprio sonho perderia tal privilégio⁶⁴. Assim, não haveria interpretação “de sonho”, mas apenas interpretação de sessão (ou seja, do discurso de tal ou qual sessão, cujo conteúdo pode ou não ser um sonho).

Conseqüentemente, o procedimento interpretativo só se torna possível a partir da suposição de que o discurso está estruturado metaforicamente. Dessa maneira, o emprego da noção de metáfora em psicanálise se estende ao discurso “comum” das sessões, ao qual seria atribuída a dimensão metafórica até aqui reconhecida apenas com relação a conteúdos específicos como o sintoma e o sonho. Ressalve-se, porém, que se trata de duas metaforizações diferentes - opaca (discurso) e transparente singular (sintoma, conteúdo manifesto do sonho), respectivamente. A respectiva definição (de metáfora) não tem porque permanecer restrita à conhecida fórmula da substituição (“palavra por palavra ou expressão por expressão”), substituição que restringiria o papel do contexto ao de meramente auxiliar a “tradução”. *A substituição em questão permeia*

a relação entre dois discursos - o metafórico (consciente) e o metaforizado (inconsciente). O que significa que o discurso pode ser perfeitamente lógico⁶⁵, tal como a primeira interpretação de Freud sobre o sonho do tio José, sem que por isso se torne refratário ou imune à interpretação. Essa alteração da definição de metáfora teria por conseqüência o fato de que, em se tratando da metáfora discursiva, não há explicitude mas opacidade; implicaria igualmente em considerar que o discurso constitui, em conjunto, ou seja, na totalidade de uma sessão, o âmbito de manifestação da metáfora a ser considerada, e não o contexto auxiliar de uma análise consagrada a determinado conteúdo (como “sintoma”, “sonho”, “conflito”, “sentimento”, “defesa”, “resistência”, “transferência”, etc.).

Se tais raciocínios forem plausíveis, a conseqüência é que não só as correspondências entre condensação e metáfora, deslocamento e metonímia. ficam questionadas, mas também a própria conceituação de metáfora por parte de Lacan, visto que se apóia numa definição de metáfora explícita (ou seja, a metáfora tal como se manifesta na poesia, no chiste, na fala coloquial, na proverbialização, na parábola, nos contos com “moral”. no sonho, no sintoma) e numa concepção de substituição restrita (termo a termo ou sintagma a sintagma). Ou seja, por definir o discurso unicamente pela metonímia e limitar o papel da metáfora à produção das imagens oníricas⁶⁶ (condensação), restringindo assim a metáfora à sua manifestação mais elementar (metáfora transparente⁶⁷), entende-se que a concepção metodológica lacaniana acabe por desconsiderar o procedimento interpretativo freudiano, confundindo-o presumivelmente com análise de conteúdo. Em conseqüência, propõe a solução consistente em “curtocircuitar” a relação significante/significado, ou seja, chegar ao nível da geração (isto é, da enunciação, isolando o significante), desconsiderando a “instalação” (os enunciados).

Mas a noção de “metáfora paterna” permite reconhecer que, em Lacan, também há uma outra conceituação de metáfora, desta vez formulada a serviço da teoria - a teoria do processo de constituição do sujeito. É possível discernir nessa noção lacaniana uma das características mais importantes da metáfora, a saber, a substituição do abstrato pelo concreto ou, em termos freudianos, a representação da lógica (ou da estrutura - inconsciente) pela vivência (consciente), ou ainda, na própria terminologia lacaniana (referida a outro aspecto teórico), a relação de correspondência & substituição & representação entre o grande outro (“A” - simbólico) e o objeto “a” (imaginário). Uma

das implicações mais fundamentais desse conceito (metáfora paterna) refere-se a que tanto a condição de *infans* (não falante, bebê) como a posse do pênis, em *momentos lógicos diferentes*, metaforizariam o falo (a completude). Isto é, seriam metáforas do desejo de não desejar, a primeira concretizando a condição de “ser” o falo (ou seja, posição de objeto absoluto), e a segunda a condição de “ter” o falo (ou seja, posição de sujeito absoluto).⁶⁸

Essa representação/substituição/deslocamento e, ao mesmo tempo, indício (“sintoma”) de deslocamento que, em termos lingüísticos, se expressa por meio da oposição abstrato/concreto, em termos freudianos pela oposição inconsciente/consciência (latente/manifesto), em termos lacanianos pela oposição simbólico/imaginário, assume, no discurso, a forma da oposição entre sentido e significação. A passagem da segunda ao primeiro dar-se-ia mediante a desmetaforização - operação efetuada sobre a metáfora discursiva ou opaca.

A conclusão (ou interrupção...) deste texto ficará a cargo de Octave Mannoni e Émile Benveniste⁶⁹:

“E, no entanto, a interpretação é o ato pelo qual se reconhece o analista; podemos mesmo nos perguntar o que mais ele poderia fazer. Não obstante, essa questão é particularmente negligenciada. Ela só foi aprofundada a propósito dos sonhos, e isso também pode colocar muitos problemas curiosos...”⁷⁰.

“...a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido; é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”?, concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares que são as palavras...”⁷¹.

Notas

1 Professor titular de Psicanálise e de Teorias e Técnicas Psicoterápicas da Faculdade de Psicologia da PUC/SP, com mestrado em Filosofia e doutorado em Lingüística; publicou, entre outros livros, *Freud, Marlowe & Cia, Mito e Fantasia, O Neurônio Tagarela, A Máquina do Fantasma, A Metáfora Opaca*.

2 Jacques Lacan, Seminário III, pg. 239.

3 Uma das mais importantes diz respeito à redefinição de *condensação* (uma das operações da elaboração onírica segundo Freud) enquanto metáfora. Essa redefinição será objeto de um questionamento no presente texto.

4 Na medida em que foram mantidas pelo próprio Lacan. O que significa que nos distanciamos do Lacan que, a pretexto das diferenças entre lingüística e psicanálise (como se não soubesse dessas diferenças antes, ou pior, como se entre duas ciências diferentes pudessem não existir diferenças...), enfatiza sobretudo as bareras entre as duas disciplinas para justificar uma guinada em direção à lógica-matemática e à topologia. De qualquer maneira, é o “Lacan da lingüística” que protagoniza o presente texto.

5 Crítica que, salvo engano, nunca é expressa inequivocamente, e cujos argumentos tampouco foram sistematizados. Essa situação levou-nos a apresentar uma hipótese sobre as razões pelas quais Lacan assume essa posição.

6 Ou seja, de um lado a adoração e o sectarismo, de outro a indiferença e o desconforto.

7 Mais do que “como uma linguagem”.

8 Bem mais freqüente na literatura psicanalítica é a Idéia, simetricamente oposta à defendida neste texto, de que a *interpretação tem um caráter metafórico*.

9 S. Freud, *Fixação em traumas - o inconsciente*, in Conferências introdutórias à psicanálise, 1916/17.

10 O que é perfeitamente aferível mediante consulta aos textos psicanalíticos concernentes ao tema.

11 Seriam, a nosso ver, tão metodologicamente incompatíveis como psicanalisar e medicar o mesmo paciente. Adiante a questão será melhor examinada.

12 E que não chegue a sê-lo, por outro lado, assinala uma similarmente implícita e eloqüente recusa... do referido ecletismo.

13 Em *A ética da psicanálise*, Thomas S. Szasz faz uma pequena história dos diversos temas privilegiados pela psicanálise e conclui que “O histórico desse facciosismo que ainda se mantém provê um inventário dos temas que os vários analistas consideravam interessantes, importantes ou indispensáveis para a análise”. (*Op.cit.*, pg. 70).

14 O que faz lembrar a crítica de Freud à proliferação do termo “instinto” (pulsão), em “Ansiedade e Vida Instintual” (Novas conferências introdutórias).

15 Etiologia enquanto “fatores causais”, não importa se unívocos ou complexos, não importa se concebidos segundo o modelo de uma das causas aristotélicas (por exemplo causa eficiente, causa formal, causa primeira) ou envolvendo mais de uma (ou mesmo todas).

16 Ou, expressando a mesma idéia menos “nosograficamente”, da queixa.

17 Não discutiremos, neste momento, se o sentido é singular ou plural (ou, mais precisamente, se tende ao singular ou ao plural).

18 O que torna decerto problemática a relação entre prática e teoria. A questão será abordada adiante.

19 Mesmo os atos falhos, em relação aos quais o analista fica à espreita.

20 Ou seja, referentes às experiências e vivências do “paciente”, isto é, seu passado, concebido enquanto “realidade”.

21 É preciso lembrar que Freud recupera o fator “real” ou “referencial” por meio da hipótese mítica da horda primitiva, (nova teoria do trauma, mas agora filogenética em vez de ontogenética, configurando um retomo atenuado do ambientalismo), que confere uma “origem” pré-histórica ao Édipo, perenizado por uma espécie de mecanismo lamarckiano de transmissão (retorno atenuado do organicismo).

22 Indefinição epistemológica e conseqüente ecletismo que, em última análise, se referem á pergunta pelo estatuto (biológico *elou* cultural *elou* lingüístico?) do inconsciente.

23 Isto é, a confiabilidade da memória e a primazia do sentido da fala sobre o seu conteúdo, de um lado, e de outro a aferição da mesma primazia da fantasia em relação ao complexo de Édipo - decorrente da descoberta das fantasias originárias e das teorias sexuais infantis bem como a compreensão de sua importância para a teorização do Édipo.

24 Ou seja, desde que não se confunda com a noção de fantasia de senso comum.

25 J. Lacan, Seminário 111, p. 270; grifo meu.

26 O real entre aspas, ou seja, o real antes de Lacan, que o redefinirá como desejo. A “experiência”, a “vivência”, constituirão, para Lacan, o carne do imaginário.

27 Basicamente a oscilação entre pensar a sexualidade infantil por meio do conceito “prazer de órgão” ou defini-la por referência à estrutura das relações estabelecidas nas respectivas fases.

28 Ou seja, Freud não atribuirá às vivências da infância o “desejo” do sonho, mas a algo estrutural - e relativo à universalidade dos sentimentos edipianos.

29 Em todo caso, sempre que a preocupação causalista cede terreno, abre-se o espaço necessário à interpretação, misto de tradução (do singular) e de descrição.

30 É inevitável lembrar aqui do coeficiente de indeterminação de Heisenberg formulado no âmbito da teoria dos quanta. Sempre que se localiza a posição de um elétron perde-se a possibilidade de prever sua trajetória.

31 Prefigurando assim o que viria a acontecer bem mais tarde com relação às emoções na abordagem kleiniana. Quando o paciente não se envolve, o terapeuta se emociona por ele... e faz uso terapêutico dos próprios sentimentos.

32 A carta contém, após a informação sobre a morte do pai, a expressão “Se você quiser?”, escrita no meio de uma frase com um ponto de interrogação, expressão idêntica à usada pela Sra. K. na carta em que convidava Dora a L., o que pode ser interpretado como o “oferecimento”, por parte da mãe de Dora, do marido à filha. Correspondentemente, por meio das demais associações fornecidas por Dora, cabe interpretar a morte do seu pai, no sonho, como: “ele aceitou separar-se da senhora K”, enquanto outras associações acrescentariam a explicação: “para não perder sua filha”. As associações mais importantes para sustentar essa hipótese são: o pai só consegue dormir, estando longe da Sra. K., se beber. Dora perguntou à mãe “cem vezes” pela chave do aparador onde estavam as bebidas (para oferecer uma ao pai). No sonho, ela pergunta “cem vezes” pela estação. Assim, o retorno de Dora está ligado ao seu papel de ministradora do soporífero que substitui, para o seu pai, a mulher amada. Além disso, se “dormir” significa “separação transitória da mulher amada”, “morte” bem poderia significar “separação definitiva”. E Dora, sempre nas associações, refere-se a um brinde à saúde do pai, descrevendo sua fisionomia abatida e perguntando-se quanto tempo ele teria de vida (significando provavelmente nesse âmbito = ‘quanto duraria sua relação com a Sra. K.’).

33 Freud refere-se aqui à fantasia de parto, representada por uma crise de apendicite, uma de cujas conseqüências era constituída pela dor que fazia Dora arrastar uma perna e ter dificuldade em subir escadas.

34 Lembremos, sem o que essa argumentação parecerá contraditória com o que foi escrito três parágrafos acima, que quando Freud redige o caso Dora (1905), o Édipo estava ainda muito próximo do enquadre da teoria do trauma e correspondentemente distante do enfoque estrutural associado às fantasias originárias e às teorias sexuais infantis. Seria melhor dizer talvez que nesse momento Freud apela conjuntamente ao enfoque histórico (ou causalista) e ao enfoque estrutural, este último ainda padecendo da precariedade de sua emergência recente. O aspecto estrutural da obra freudiana ganhará em solidez quando, a partir de 1908 (em As teorias sexuais infantis) e 1916 (Os caminhos de formação dos sintomas, in Conferências

introduzidas à psicanálise) o Édipo foi emancipado do empírico através dos conceitos ‘teorias sexuais infantis’ e ‘fantasias originárias’.

35 É bastante compreensível a preocupação de Freud com o estabelecimento dos critérios necessários à validação da interpretação. Entretanto, talvez tenhamos que admitir algum dia que se trata de algo irrealizável.

36 Aliás, A. Koyré já assinalava a existência de uma relação estrutural entre “Deus” e “causa”.

37 Análise claramente subordinada, segundo o próprio Freud, à demonstração de um ponto teórico, no caso a existência da sexualidade infantil, objeto central da polêmica com Jung.

38 Bula casada infiel” (Garcia Lorca). Dificilmente poder-se-ia achar uma melhor metáfora para a metáfora. A palavra (o discurso) como esposa do significado e amante do sentido.

39 Que se referem respectivamente ao fato do sonho ser sobretudo um fenômeno que se manifesta por imagens e ao seu enquadramento lógico-gramatical no momento em que é transposto para o registro verbal por ocasião da recordação ou do relato.

40 As palavras oníricas, faladas ou escritas, têm a mesma função das imagens. Em ambos os casos, trata-se de significantes separados de seus significados, ou seja, metáforas em estado de suspensão, na medida em que o discurso em que estavam inseridas foi “condensado” e “deslocado”. Uma vez descompactado o discurso em questão, trata-se de recuperar o sentido, estabelecendo a sintaxe das metáforas no quadro de um enunciado.

41 Freud apresenta esse sonho como um exemplo de condensação pela convergência, na mesma imagem (significante), de dois “significados”. Entretanto, o conceito de condensação não repousa necessariamente nessa característica, que seria eventual. Mais estruturalmente, condensação significa o fato de que de cada elemento do sonho é possível extrair uma (ou mais de uma) linha associativa muito mais ampla. Nesse sentido, a condensação consiste na operação pela qual a elaboração onírica extrai um componente pertencente a determinada linha discursiva (cadeia de “pensamentos latentes”), combinando-o com outros componentes discursivos submetidos à mesma operação, o que provoca o efeito de estranhamento e ininteligibilidade típicos do sonho.

42 Posteriormente, como veremos, essa interpretação é substituída pela do desejo de ser ministro e corresponder à expectativa dos pais.

43 A grande afeição pelo tio/amigo, reunidos na mesma imagem, se apresenta no sonho com uma intensidade que não corresponde à realidade. Freud então atribui ao sentimento em questão uma função de mascaramento em relação à “calúnia” veiculada pelo sonho: R. seria tão “simplório” quanto o tio José.

44 Ou seja, a condensação estaria tão próxima da figura de linguagem conhecida como metonímia (substituição em que a parte representa o todo, ou inversamente) como da metáfora. A questão será tratada mais detalhadamente adiante.

45 (Jacques Lacan, Seminário III, pg. 248).

46 “Fenomenologia da Metáfora”, publicado em Psicologia Revista, PUC/SP, número I, setembro de 1995.

47 A diferença entre interpretação e tradução residiria em que, no segundo caso, a substituição tem por contexto a língua (universal), enquanto no primeiro incide sobre o discurso (singular).

48 Em A instância da letra no Inconsciente ou a razão desde Freud (1957, in Escritos), por exemplo, texto em que inclusive ele propõe as fórmulas da metáfora e a metonímia, procedimento muito semelhante ao de Lévi-Strauss no que se refere aos mitos (cf. A estrutura dos mitos, 1955, in Antropologia Estrutural I).

49 Como o sintoma, por exemplo, ou as imagens oníricas.

50 Ou então negando qualquer causalidade. O sintoma seria como “a moça que veio de longe e algum dia irá embora”, metáfora utilizada por Freud em sua crítica aos apólogos do “nada está acontecendo”.

51 O que foi estabelecido primeiramente pelo próprio Lacan (ver A Instância da letra no Inconsciente...).

52 Numa nota de rodapé posterior ao trabalho clínico, Freud aventa a possibilidade de não ter percebido a natureza dos sentimentos amorosos de Dora pela Sra. K., o que poderia parecer um bom argumento a favor da reinterpretação lacaniana.

53 Há poucas dúvidas de que junto a Dora Freud se incumbiu do papel de “schatche”, ou seja, do agente casamenteiro das pequenas comunidades judaicas da Europa Oriental, sobre quem relatou algumas piadas no seu livro sobre o chiste...

54 Segundo nossa posição metodológica, conforme expressa anteriormente, a relação entre tal interpretação e a “realidade” dos sentimentos de Dora deveria ser estabelecida pela própria paciente e não pelo psicanalista.

55 O que constitui mais uma razão para julgar que a releitura de Lacan é orientada pela teoria, no caso a teoria da histeria.

56 *Essa interpretação, por sua vez, tem por referência apenas e tão somente o próprio texto de Freud e não pretende apontar para as “verdadeiras razões” da interrupção da análise por parte de “Dora”.*

57 “Metáforas transparentes singulares” ou pertencentes ao sujeito, que se diferenciam das metáforas transparentes “universais” pertencentes à língua, caso em que já se encontram codificadas (“puxar o tapete”, “pegar o boi pelo chifre”, “fazer das tripas coração”, etc.).

58 Os pensamentos latentes seriam assim representativos da noção de discurso como um todo, sem adjetivação.

59 Termo, aliás, tão impróprio quanto ‘psicanálise’.

60 Seria o caso de ilustrar essa situação com a anedota dos alfaiates. Conta-se em certa cidade do interior para a qual um surto de desenvolvimento havia atraído um número crescente de profissionais do ramo, cujas lojas foram se enfileirando seqüencialmente na mesma rua, a única asfaltada que havia no lugar, que o último deparou com os slogans de seus concorrentes: “o melhor do bairro”, “o melhor da cidade”, “o melhor do estado”, “o melhor do país”, “o melhor do continente”, “o melhor do mundo”. O recém-chegado enfrentou a situação escrevendo no cartaz, sob o nome da sua alfaiataria: “a melhor da rua”.

61 *No sentido que procuramos definir em termos de “metáfora transparente”.*

62 Ao analisando, caberia a “outra parte” do trabalho, isto é, relacionar a interpretação, sempre parcial e relativa ao discurso de uma sessão, a ele como “pessoa”.

63 Com base nos exemplos abordados anteriormente neste texto, cabe hipotetizar que, ao aprofundar a primeira interpretação (ou seja, depois de desmetaforizar a condensação e passar ao deslocamento), ele costumeiramente mistura interpretação com análise de conteúdo.

64 O sonho permanece em posição fundamental apenas no que se refere ao papel que desempenhou em relação ao desenvolvimento do método psicanalítico. E não é pouco.

65 E mesmo ter um caráter explicitamente “abstrato”.

66 As palavras, faladas ou escritas que, porventura, compareçam no conteúdo manifesto devem ser tratadas igualmente como imagens, ou seja, como significantes separados de seu significado referencial habitual para cumprir a função de porta-vozes da mensagem onírica.

67 Quer lingüística singular, mas comunicativa (exemplos de poesia e chiste), quer discursiva singular (condensação).

68 Sempre do ponto de vista do sujeito em processo de constituição.

69 Vive la France! (apesar da Copa...)

70 (Octave Mannoni, “*Sobre a interpretação*”, in **Isso não Impede de existir**).

71 Émile Benveniste, *Semiologia da língua*, (in **Problemas de Lingüística Geral II**).